
O PESO SILÁBICO NO ENSINO DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Laís Lagreca de Carvalho¹
Flaviane Gonçalves Corrêa²

Apresentação

Apresentamos neste trabalho uma intervenção didática que envolve a transposição de conhecimentos teóricos, adquiridos no curso de graduação, à sala de aula. Essa intervenção é resultado da disciplina Estágio Supervisionado I de Língua Portuguesa, do curso de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e foi realizada em uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental.

Com as aulas que preparamos, buscamos proporcionar aos alunos a oportunidade de refletir sobre a Língua Portuguesa, de modo que, em lugar de aprender regras de acentuação, eles conseguissem compreender que a acentuação gráfica não é aleatória como costuma parecer.

Caracterização da escola

A escola em que o estágio se desenvolveu foi fundada no ano de 2009, é uma instituição de ensino estadual, vinculada à Secretaria de Educação de Minas Gerais, localizada na região oeste da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Atualmente, a escola ministra cursos de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Os discentes possuem faixa etária entre 13 a 15 anos. Eles são bastante falantes, característica que requer uma vigilância maior por parte da professora para que não percam o foco, porém, ainda que possam ter sua atenção dispersada com facilidade, não deixam de ser participativos.

Fundamentação teórica

¹Mestranda em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora – laislagreca@gmail.com

²Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora – flavianegcorrea@gmail.com



Com base nas reflexões realizadas ao longo de duas disciplinas presentes na grade do curso de Letras da UFJF, uma de caráter mais teórico, um Tópico³, e outra de caráter mais prático, uma Oficina⁴, pudemos refletir sobre a atribuição de acento tônico e acento gráfico na língua portuguesa.

As discussões que proporcionaram o recorte para a intervenção didática foram pautadas, principalmente, no livro organizado por Leda Bisol “Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro”, no qual os capítulos 2 e 3 de Gisela Collischonn foram fundamentais para o desenvolvimento de uma intervenção que buscasse ensinar a atribuição de acento gráfico de modo a levar os alunos a compreenderem as regularidades da distribuição de acento tônico na língua para que, depois disso, pudessem perceber que o acento gráfico marca o que foge ao padrão da distribuição da tonicidade.

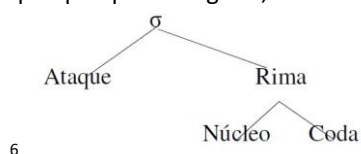
No capítulo “A sílaba em Português”, Gisela Collischonn apresenta a “Teoria da Sílaba”, fazendo um breve comentário sobre o tratamento conferido à sílaba em fonologia. Em seguida, elenca duas teorias que tratam da estrutura interna da sílaba: a teoria autossegmental e a teoria métrica da sílaba. Ao expor essas duas teorias, a autora demonstra não haver consenso sobre a estrutura interna da sílaba, ainda que os pesquisadores concordem que ela tem papel central na hierarquia fonológica. Collischonn ressalta que, apesar de adotar um ponto de vista neutro sobre essa questão, em seu trabalho será dada a preferência à representação da sílaba em termos de constituintes rotulados, ou seja, uma visão voltada para a teoria métrica da sílaba⁵, que visualiza a sílaba como uma estrutura arbórea⁶.

Um dos pontos-chave para pensar a atribuição de acento tônico e gráfico na Língua Portuguesa está relacionado ao peso silábico. A autora trata desse tema em uma seção do seu capítulo: “Unidades de duração”, na qual introduz a noção de sílabas pesadas e leves, mostrando que, em muitas línguas, a distinção entre sílabas pesadas e leves se reflete nas regras de atribuição de acento. Segundo Collischonn,

³ Tópicos de Estudos Linguísticos IX “Introdução à fonologia suprasegmental”.

⁴ Oficina XII: Estudos Linguísticos “O uso da Fonologia no ensino de Ortografia”.

⁵ A teoria métrica da sílaba, ao contrário da teoria autossegmental, que vê a sílaba como um todo, trata a sílaba como sendo composta por uma estrutura: ataque e rima; a rima é composta por um núcleo e uma coda. Sendo que qualquer categoria, com exceção do núcleo, pode ser vazia.



a constituição da sílaba é fator determinante do peso silábico. Sílabas pesadas são constituídas por mais de um elemento. No entanto, nem todas as sílabas de mais de um elemento são pesadas. [...] O que se observa é que o ataque é irrelevante para o peso silábico; apenas a rima⁷ contribui para o peso (COLLISCHONN, G. Unidades de duração. In: BISOL, L. 2001, p. 94).

Desse modo, a autora aponta que é possível definir a distinção entre sílabas pesadas e leves como uma distinção entre sílabas com rima ramificada (com núcleo + consoante ou outra vogal) e sílabas com rima não ramificada.

O capítulo 3, “O acento em português”, também escrito por Gisela Collischonn, traz diversas reflexões sobre a atribuição de acento nessa língua, demonstrando que há regularidades que devem ser observadas na distribuição de acento. Para começar essa reflexão, Collischonn toma como exemplo as palavras “*sáb*ia – *sab*ia – *sabiá*”, a partir das quais expõe:

Nos exemplos acima a posição do acento não pode ser prevista. Ou seja, não se pode dizer, a partir dos fonemas que constituem a palavra, onde irá recair o acento. Então se poderia concluir que o acento é livre, não havendo nenhuma posição determinada em relação à estrutura segmental. O acento simplesmente seria uma das informações idiossincráticas a respeito da palavra, informação esta que teria de ser memorizada junto com o significado e a distribuição da mesma (COLLISCHONN, 2001, p. 133).

Collischonn afirma que essa ideia de uma aleatoriedade na posição do acento⁸ não dá conta de uma série de regularidades que existe na distribuição de acento. Primeiramente, ela ressalta que no português, assim como no espanhol e no latim, o acento só pode cair sobre umas das três últimas sílabas, o que já demonstra certa regularidade subjacente à distribuição de acento.

Outro fator a ser considerado é o fato de a maioria das palavras da Língua Portuguesa ter o acento na penúltima sílaba, sendo que as palavras proparoxítonas representam o menor grupo em português, que é constituído principalmente por empréstimos do latim e do grego. A autora demonstra esse aspecto não nativo das proparoxítonas por meio da tendência a se regularizar o acento para a posição paroxítona, como acontece na palavra “*abóbora*”, que, muitas vezes, é falada “*abobra*”. Essa característica acentual já reforça a necessidade de se acentuar graficamente todas as palavras proparoxítonas, que não são tão “naturais” para o português.

⁷As rimas que possuem apenas o núcleo preenchido, isto é, compostas apenas por vogal, são leves e as rimas formadas por vogal + consoante ou por vogal + vogal (no caso dos ditongos) são pesadas.

⁸Acento aqui está relacionado à tonicidade e não ao acento gráfico.



Ao falar sobre o grupo das oxítonas, a autora compara oxítonas terminadas em consoante com paroxítonas terminadas em consoante, como, por exemplo, “civil” x “fácil”, demonstrando a posição do acento tônico em cada uma das palavras, nos remetendo, assim, à relação do peso silábico com a distribuição de acento tônico e acento gráfico, tendo em vista que na palavra oxítona, em que a sílaba tônica é a pesada, não há marcação de acento gráfico, em contrapartida, na palavra paroxítona, que também possui uma sílaba pesada, mas que, nesse caso, não é a sílaba que vai receber o acento tônico, é preciso haver uma marcação gráfica, para que o falante saiba qual será a sílaba tônica.

Desse modo, ao fazermos a relação entre o peso silábico e a preferência da Língua Portuguesa por palavras paroxítonas, pensamos ser possível tratar a acentuação gráfica em sala de aula sem expor os alunos à memorização de regras, pois acreditamos ser possível mostrar uma regularidade presente na atribuição de acento, a qual todo falante percebe ao usar a língua, mesmo que inconscientemente. Essa regularidade na distribuição de acento tônico se reflete na ortografia das palavras que, quando seguem o esperado (a sílaba pesada é a tônica ou seguem o padrão da paroxítona) prescindem de marcação gráfica, isto é, não necessitam dos acentos gráficos (circunflexo ou agudo) e, ao contrário, quando a sílaba tônica “foge” ao esperado, precisa-se marcar graficamente, para que não haja dúvidas ao falante de qual será a sílaba tônica da palavra.

Descrição da experiência

Iniciamos nossa intervenção disponibilizando aos alunos três textos curtos, dentre eles, uma tirinha, em que dois cágados conversam sobre a importância da correta acentuação gráfica e outros dois textos que trazem usos equivocados do acento gráfico na palavra “coco”. Tendo sido dado um tempo para que os alunos lessem os textos, propomos uma leitura em voz alta, e, em seguida, fizemos questionamentos sobre o humor de cada texto. Nosso objetivo era mostrar para os alunos que o acento, nos exemplos oferecidos, distingue significado, mostrando que a acentuação indevida pode mudar completamente o sentido do texto.

Em seguida, perguntamos a turma se eles sabiam nos dizer o que é sílaba, a fim de perceber qual conhecimento eles já traziam, para isso, colocamos no quadro a palavra “estrela” e perguntamos como eles pronunciam essa palavra, demonstrando que a sílaba é um conjunto de sons pronunciado em um único impulso de voz.



Para falar sobre a sílaba no Português Brasileiro (PB), começamos a falar que toda sílaba é composta por vogal e entregamos um *handout*⁹ que continha exemplos de possíveis composições de sílaba no PB. Chamamos atenção ainda para o fato de as sílabas terem uma estrutura em que cada elemento (letra¹⁰) ocupa um lugar específico.

Tendo sido realizada essa primeira etapa, propomos o “Jogo da Força silábico”, através do qual pudemos perceber se a turma estava ou não compreendendo o que era sílaba.

Em um segundo momento, começamos a expor aos alunos a noção de peso silábico, perguntando-lhes se eles sabiam que as sílabas têm peso. Partimos para exemplos que pudessem ilustrar o que seriam sílabas pesadas e colocamos no quadro palavras como “bri-ga-dei-ro” e falamos que uma sílaba pesada é aquela que possui uma letra depois do seu núcleo (relembramos aqui a estrutura da sílaba). Com base no conceito que oferecemos de sílaba pesada, perguntamos a eles qual seria, então, a sílaba pesada da palavra “brigadeiro” e eles conseguiram apontar para sílaba correta: “dei”. A partir desse mesmo exemplo, mostramos-lhes que as letras que aparecem antes do núcleo, como em “bri”, não fazem a sílaba ser pesada¹¹, e, a partir disso, falamos sobre os dígrafos, mais especificamente “ss” e “rr”, que poderiam gerar dúvidas, já que em palavras como “pássaro”, ao separarmos as sílabas, graficamente (pás-sa-ro), temos na primeira sílaba, uma letra depois do núcleo, porém, essa letra não tem som nessa sílaba, sendo apenas uma convenção da separação silábica ortográfica.

Tendo sido feita essa introdução ao peso silábico, colocamos no quadro mais alguns exemplos “he-roi-co”; “an-zol”; “ca-der-no”; “tra-ves-sei-ro” e localizamos com a turma a sílaba pesada para, então, perguntamos qual a importância de se saber qual sílaba é pesada. Para chegar à resposta, propomos que eles localizassem as sílabas tônicas das mesmas palavras, fazendo com que percebessem que as sílabas pesadas dessas palavras são também as sílabas tônicas. Desse modo, explicamos que, muitas vezes, a tonicidade está relacionada ao peso silábico, ou seja, as sílabas pesadas, geralmente, são as sílabas tônicas das palavras, porque o peso tende a atrair o acento tônico.

Depois disso, partimos para outro exemplo: “ca-be-lei-rei-ro” e pedimos que eles localizassem a sílaba pesada, fazendo com que percebessem que, nesse caso, há mais de uma. Em seguida,

⁹Nós optamos por entregar impresso todo o material que trabalhamos, tendo em vista que se trata de um assunto inédito para os alunos.

¹⁰Optamos por tratarmos os sons como letras, sem entrar na diferenciação entre consoantes e vogais (como sons) e as letras que as representam.

¹¹Ao desmembramos a estrutura dessa sílaba, veremos que o ataque é ramificado e o que influencia no peso da sílaba é a rima, esta sim, que, quando ramificada, é capaz de tornar a sílaba pesada como em “dei”, também da palavra “brigadeiro”.



perguntamos qual é a sílaba tônica dessa palavra e alguns responderam “rei” e, então, dissemos que quando houver mais de uma sílaba pesada na palavra haverá uma “competição” entre elas para ganhar a tonicidade mais forte, porém ganhará sempre a sílaba que estiver mais para o final da palavra como em “ca-be-lei-rei-ro” e em “ras-par”.

Ainda em relação à presença de sílaba pesada e distribuição de tonicidade, levamos exemplos de palavras em que não havia sílabas pesadas, como “ca-sa”; “sa-pa-to”; “mo-chi-la”, e pedimos que eles localizassem a sílaba tônica, mostrando-lhes que, nos três casos, a sílaba tônica era a penúltima sílaba. Com base nisso, chegamos a uma outra regularidade que é a preferência do português por palavras paroxítonas, nas quais a penúltima sílaba é a tônica.

Nesse momento da aula, entregamos um *handout* que trazia, resumidamente, o que foi dito na aula, além de conter informações que deveriam ser acompanhadas pelos alunos a partir de então. Desse modo, começamos a tratar da localização da sílaba tônica, a partir da leitura feita pelos alunos de algumas palavras e da solicitação de que marcassem a sílaba tônica de cada uma delas, mostramos que, a depender da posição que a sílaba tônica ocupa nas palavras, estas serão classificadas como oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas. Nesse contexto, pedimos que alguém falasse palavras inventadas como “chabuca” e ela foi pronunciada como paroxítona, o que contribuiu para demonstrarmos a preferência do português por palavras paroxítonas.

Com o objetivo de fortalecer o entendimento do que foi apresentado, propomos uma atividade em que os alunos deveriam ler algumas palavras dispostas em um quadro e separá-las em grupos de acordo com a classificação da sílaba tônica e, além disso, deveriam acentuar as palavras que precisam de acento gráfico, mas não estavam acentuadas. No desenvolvimento dessa atividade, os alunos tiveram dúvidas na palavra “órfão”, que estava sem o acento agudo, pois eles diziam que ela já tinha acento, o til na sílaba “fão”. Nesse momento, então, nós chamamos a atenção para essa palavra, colocando-a no quadro, então, falamos com eles que o til não é um acento gráfico, mas uma marca de nasalização que, muitas vezes, representa um resquício de uma antiga consoante nasal que, com a evolução da língua, se perdeu, mas ainda precisa ser marcada. Depois de ter sido dada essa informação, perguntamos qual era sílaba tônica da palavra, chegando em conjunto à resposta “or”; perguntamos qual era a sílaba pesada e eles disseram que as duas, então, perguntamos o que acontece quando temos duas sílabas pesadas, e eles se lembraram da competição e da vitória conferida a última sílaba, porém, se fosse assim, a palavra seria oxítona e não precisaria de acento gráfico, pois estaria seguindo o esperado: sílaba pesada atraindo a tonicidade, e é justamente por fugir ao padrão que ela precisa de acento gráfico na primeira sílaba.



Para mostrar a regularidade na distribuição de acento gráfico, elencamos algumas condições que, sendo atendidas, não haverá a necessidade de acentuar graficamente as palavras. Essas condições são: as sílabas pesadas costumam ser tônicas; entre duas sílabas pesadas, ganhará a que estiver mais à direita (ao final da palavra); se a palavra tiver uma sílaba pesada na antepenúltima sílaba, o falante prefere pronunciar a penúltima sílaba forte (padrão da paroxítona). É preciso chamar a atenção para a última condição, pois ela reforça a característica da Língua Portuguesa de preferir palavras paroxítonas e demonstra que, na realidade, somente a última e a penúltima sílabas de uma palavra influenciam no peso, tendo em vista que em “jor-na-da”, a antepenúltima sílaba é pesada, mas, mesmo assim, a pronunciamos com a tônica na penúltima posição.

Após a apresentação das condições que compõem o “padrão” reconhecido pelo falante na atribuição de acento tônico, perguntamos a turma para que serve o acento gráfico, partindo de duas sentenças: “Uma sábia não sabia onde estava o sabiá...” / “A máscara usada por nós no dia a dia mascara muitas tristezas.”. Essas sentenças contribuíram para demonstrarmos aos alunos que o acento gráfico mostra para os usuários da língua os casos em que a sílaba tônica foge ao padrão, isto é, quando a sílaba tônica não é nem a penúltima sílaba (paroxítona) nem uma sílaba pesada (penúltima ou última sílaba).

Ao final de toda essa reflexão, aproveitamos para falar sobre a obrigatoriedade em acentuar as palavras proparoxítonas, reforçando a característica de empréstimos dessas palavras, além disso, retomamos a ideia de que a competição para atribuição de tonicidade, no português, fica entre a última e a penúltima sílabas, o que demonstra que, caso não haja uma marcação gráfica que chame a atenção do falante para a antepenúltima sílaba, ele, possivelmente, não a pronunciará como a tônica. Julgamos importante ressaltar também o caso de exceção das oxítonas terminadas em “u” e “i”, como “urubu” e “caqui”, pois, segundo as condições que apresentamos, quando há duas sílabas leves, será tônica a penúltima, porém, no português, a maior parte das palavras terminadas com essas vogais é oxítona e, por essa razão, quando a palavra termina com uma dessas vogais e não é oxítona, como a cor “cáqui”, ela deve ser acentuada.

Partimos para a etapa de verificação e fortalecimento do aprendizado com base em algumas atividades. Na primeira atividade, os alunos receberam um texto e foram solicitados a comportarem-se como revisores, de modo que corrigissem a ausência de acentuação gráfica nas palavras. Os discentes notaram que palavras como “hospede” e “hóspede” têm sentidos diferentes dependendo da presença ou não do acento gráfico. Depois de todos terem terminado a atividade, realizamos a correção, de modo que os alunos puderam verificar as repostas compreendendo o porquê de cada



acento gráfico. Quando os alunos nos questionavam sobre a acentuação de uma palavra, pedíamos a eles que pronunciassem a palavra como estava no texto e logo após perguntávamos como seria a pronúncia correta daquela palavra, ao pronunciarem palavras como “polícia” X “polícia”, “historia” X “história” e “ambulancia” X “ambulância”, os próprios alunos conseguiam perceber em qual sílaba o acento caberia. Depois de todos terem terminado a atividade, realizamos a correção, de modo que os alunos puderam verificar as repostas compreendendo o porquê de cada acento gráfico.

Na segunda atividade de fixação de conhecimentos, os discentes receberam um quadro com diversas palavras já corretamente acentuadas e foram solicitados a classificar a posição da sílaba tônica (oxítone, paroxítone e proparoxítone) de acordo com as ideias de peso silábico e tonicidade trabalhadas em sala. Depois de todos terem terminado a atividade, realizamos a correção oralmente, sempre questionando o porquê da resposta dada por eles.

Avaliação dos resultados

Diante ad necessidade de trabalhar a acentuação em sala de aula, acreditamos que por meio desta intervenção, foi possível proporcionar o entendimento da necessidade da acentuação gráfica sem precisar expor os alunos a regras que não são significativas, promovendo, assim, uma sistematização progressiva das regras de acentuação, permitindo que os discentes construíssem o conhecimento sobre algo que, até então, parecia-lhes muito arbitrário e de difícil entendimento.

Buscamos, também, trabalhar com textos que fossem interessantes para os alunos, como *post* de rede social, tirinha e placa, a fim de aproximar o mundo do aluno do mundo da escola, tendo em vista que nosso objetivo foi despertar nos alunos o interesse de saber como funciona a acentuação gráfica no português brasileiro.

No geral, os alunos foram bem receptivos e participativos nas explicações e nas atividades e demonstraram, pelo menos uma boa parte da turma, ter conseguido entender a importância de saber acentuar corretamente as palavras, percebendo que o acento gráfico interfere no sentido das palavras.

Consideramos que o papel da escola é fazer com que os alunos se percebam inseridos no uso real da língua, percebendo que eles já fazem parte das práticas reais da língua, faltando-lhes apenas a apropriação das possibilidades de uso da sua língua em diferentes esferas.



Considerações finais

Ao longo do planejamento e elaboração das atividades da intervenção didática, pudemos transpor para a escola a teoria de acentuação das palavras estudada no curso de Letras, fazendo com que partíssemos de um campo teórico mais abstrato, o presente no curso de graduação, para uma realidade mais “concreta”, uma sala de aula de Ensino Fundamental. Desse modo, acreditamos que essa transposição didática nos permitiu um exercício muito importante em relação à formação de professores, o qual está relacionado ao diálogo entre universidade e escola, permitindo aos alunos a construção do conhecimento sobre um elemento linguístico formal, a acentuação gráfica.

Através da metodologia adotada, pudemos verificar o conhecimento que os alunos já tinham sobre a acentuação gráfica e fornecer novas informações, ampliando, assim, sua capacidade linguística. Acreditamos que, por essa abordagem ser uma novidade para os alunos, eles ficaram bastante interessados, foram participativos e comprometidos na aprendizagem e na realização das atividades.

Desse modo, concluímos que os alunos, em sua maior parte, conseguiram se apropriar do conteúdo escolhido para a intervenção, entendendo o funcionamento da língua e reconhecendo as regularidades que a compõem, sem a necessidade de decorar regras. Acreditamos que levar o aluno a entender como funciona a língua de que faz uso é o primeiro passo para desconstruir a ideia de que a Língua Portuguesa representa um conjunto de regras arbitrárias que poucos escolhidos conseguem dominar.

Referências

BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª edição. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2001.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Tudo é linguagem**. 6º ano. 2ª edição. São Paulo: Ática, 2012.

